



Sexualidade e Deficiências Múltiplas: uma intervenção psicossocial com familiares

José Rodrigues Batista ¹
Ana Terra Sudário Gonzaga ²

Resumo

Este artigo visa descrever uma intervenção psicossocial feita com familiares acerca da sexualidade de pessoas com deficiências múltiplas. Teve como intuito promover um espaço de escuta, reflexão crítica e ampliação dos recursos psicológicos e sociais. A mesma foi realizada sob o referencial teórico e metodológico da Psicologia Social, na qual participaram 18 pessoas, 14 do gênero feminino e 4 do gênero masculino, com idades entre 28 e 60 anos, são pessoas de famílias que vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica e cultural. Para o projeto de intervenção foram utilizadas estratégias metodológicas como oficinas terapêuticas, rodas de conversa, reflexões e análises acerca da temática. Os resultados apontaram que os familiares possuíam poucos recursos para lidar com o assunto considerando as múltiplas deficiências associadas. Após as intervenções, notou-se que os participantes apreenderam a sexualidade de forma mais dialógica, o que favoreceu também a participação ativa desses sujeitos na dinâmica do processo grupal.

Palavras-chave: Sexualidade; Deficiências Múltiplas; Familiares; Psicologia Social.

Abstract

This article aims to describe a psychosocial intervention made with family members about the sexuality of people with multiple disabilities. It was intended to promote a space for listening, critical reflection and expansion of psychological and social resources. It was carried out under the theoretical and methodological framework of Social Psychology, in which 18 people participated, 14 female and 4 male, aged between 28 and 60 years old, people from families living in a situation of socioeconomic vulnerability and cultural. For the intervention project, methodological strategies were used, such as therapeutic workshops, conversation circles, reflections and analyzes on the theme. The results showed that the family members had few resources to deal with the issue considering the multiple associated deficiencies. After the interventions, it was noted that the participants learned about sexuality in a more dialogical way, which also favored the active participation of these subjects in the dynamics of the group process.

Keywords: Sexuality; Multiple disabilities; Relatives; Social Psychology.

¹ Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Alves Faria. E-mail: simjoserodrigues@gmail.com

² Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Alves Faria. E-mail: anatterra.gonzaga123@gmail.com

O desenvolvimento deste artigo consistiu em compreender a perspectiva dos familiares em relação a sexualidade de pessoas com deficiências múltiplas a partir de uma intervenção psicossocial.

Neste sentido, compreender as nuances acerca do desenvolvimento psíquico humano conforme fundamentado por Vigotski (2000), é enfatizar a apreensão dos processos do desenvolvimento histórico e social, no qual o sujeito se transforma e se torna capaz de criar





novas maneiras de comportamento cultural, pois “a cultura origina formas especiais de condutas, modifica a atividade das funções psíquicas, edifica novos níveis no sistema do comportamento humano em desenvolvimento” (p.34).

De modo a ser analisado pelo ponto de vista biopsicossocial o desenvolvimento do psiquismo humano não se resume somente às perspectivas biológicas, mas também às questões históricas e sociais. Neste sentido, pessoas com deficiências múltiplas, devido ao nível do comprometimento cognitivo possuem desfalque de suas funções psicológicas superiores podendo ainda agravar-se na ausência de um ambiente favorável ao seu desenvolvimento.

Para o Ministério da Educação (2006), deficiências múltiplas caracterizam-se como o conjunto de duas ou mais deficiências associadas, de ordem física, sensorial, mental, emocional e/ou comportamental, definida pelo nível de comprometimento funcional da comunicação, interação social e aprendizagem.

De acordo com o último censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Brasil, 23,9% da população disseram ter pelo menos uma das deficiências investigadas – visual, auditiva, motora mental/intelectual - a deficiência intelectual foi expressa por mais de 2,6 milhões de pessoas.

Pensando sobre estes dados observa-se a necessidade de meios específicos para que a criança assimile da melhor forma possível os estímulos sociais que lhe são apresentados. Para Vigotski e Luria (1996) esses meios podem se formar no intermédio do uso de signos e instrumentos, ao passo que se constroem as funções psicológicas superiores básicas na criança, preparando-a para assim um desenvolvimento mais satisfatório.

Vigotski (1997) compreende que a deficiência não pode ser explicada somente pela via biológica, mas pela soma das relações que o sujeito constitui com outras pessoas e com a sociedade. Dessa forma, na concepção

do autor há um declínio no âmbito social do deficiente e nos papéis sociais que são determinados por suas limitações. Por este motivo se faz de suma importância as interações sociais para pessoas com deficiências, visto que o afastamento de relações sociais, ou o empobrecimento destas só dificultam e declinam a qualidade de vida destes sujeitos.

Em suma, o autor acredita que a criança que tem o desenvolvimento marcado pelas deficiências múltiplas não significa que seja menos desenvolvida, apenas que seu processo se dará de forma peculiar quando comparado às demais crianças. Evidencia ainda que o caráter educativo não se atém somente aos pressupostos biológicos, mas tem o desígnio de atribuir-lhe objetivos e condições sociais que as projetam para o distanciamento do isolamento.

Neste sentido ao nascer, o primeiro ambiente que a criança se insere é o composto pela família, que possui um caráter funcional e imprescindível para sua constituição como sujeito. Paro, Machado e Oliveira (2001) tem em si a concepção de família como um universo particular e singular, sendo um grupo de indivíduos que partilham de valores particulares conforme suas experiências de vida, que simultaneamente se constituem socialmente por vias econômicas, culturais, afetivas e territoriais.

Para Polster (1979) a família contribui significativamente na maneira em que a estrutura psíquica é formada, pois é a partir deste convívio que se constituem os padrões emocionais. Configura-se como uma instituição e sua função está voltada para a socialização, sendo este núcleo um fator decisivo para a estruturação psíquica do sujeito. Neste sentido, Lane (1989) entende que a família também possui caráter institucional, e que a socialização primária acontece na família. Nesse espaço os sujeitos em desenvolvimento são afetados pela percepção dos familiares em suas formas de





verem o mundo e internalizarão considerando também a sua classe social.

A rede de apoio familiar se faz de extrema importância para a constituição do sujeito e da sociedade de forma dinâmica. É neste primeiro ambiente que se formam as condições psicológicas, afetivas, cognitivas e comportamentais da criança. Tendo o desenvolvimento marcado por suas particularidades, as pessoas com deficiências múltiplas carecem desta rede de apoio de forma mais intensa e minuciosa. Em vista disto, os familiares enfrentam além do sofrimento psicológico o preconceito e discriminação da sociedade devido as deficiências, essas famílias têm o exercício diário de preservar para que o desenvolvimento de seus filhos sejam menos conturbado possível, confrontando a segregação sofrida diariamente.

Para Silva e Dessen (2001) a constituição das famílias possui caráter específico, tendo suas relações diversificadas, e podem ser alteradas conforme a mudança de um dos membros. Para as autoras, a inserção de uma criança com deficiência modifica a expectativa dos responsáveis e dos demais, o planejamento antes feito é reestruturado e a família transita por um processo de superação e aceitação da criança para então compor um ambiente que garanta a inclusão desta.

Além do convívio familiar, a constituição da subjetividade do ser humano é diretamente influenciada por outros núcleos sociais. Destacam-se as experiências ao longo do processo de desenvolvimento, como a escola, a comunidade, trabalho, religião, grupos políticos e grupos de lazer. Assim para González Rey (2004) a subjetividade provém do constituído, retrata a constituição das atuações dos sujeitos inseridos em múltiplos ambientes sociais, não de forma isolada, mas dialeticamente em contínua interação com o meio.

Visando compreender as nuances do grupo, Adorno e Horkheimer (1973) entendem como uma instância intermediária entre

indivíduos e sociedade, no qual há expressão ocasional - quando há diferentes significados para o grupo - e suas definições possuem núcleos comuns que, no entanto, se diferenciam. Considerando a particularidade dos grupos estudados neste artigo, sua configuração é uma proposta que abrange parte do processo de socialização do indivíduo com deficiências múltiplas, tendo seu caráter específico: tornar a vivência da pessoa com deficiência menos complexa possível.

Acerca do trabalho educacional um componente indispensável neste processo é que as instituições precisam reconhecer as singularidades das pessoas com deficiências múltiplas visando contribuir para seu bom desenvolvimento. Nesta concepção, Freire (1990) compreende que o ambiente escolar é um espaço de aquisição de saberes e cultura, que permite a contradição e a dialética em um sistema reprodutor e informativo de conhecimentos. É construído historicamente seguindo pressupostos críticos, políticos e sociais que facultam o sujeito a desenvolver sua criatividade possibilitando o aumento de sua sabedoria.

Considerando a complexidade do cenário vivido por este tecido social, é possível refletir sobre como a sociedade compreende e administra temas relacionados a sexualidade desses sujeitos. Posto isto, para Foucault (1997) a sexualidade é marcada como uma invenção social e discutida como dispositivo histórico. Remetida a condições sobre sexo que se sustentam em ideologias deterministas, impõem verdades e saberes opressores regulando e limitando o entendimento sobre o assunto. Na atualidade ainda é vista como um tema difícil e conseqüentemente evitada devido a construções sociais ideológicas limitadas.

Chauí (1985) compreende que a sexualidade não se limita aos órgãos genitais pois toda região do corpo é passível de obter prazer, ela transcende a condição fisiológica, sua relação é a simbolização do desejo, da ordem subjetiva. Ainda conforme a





autora, é composta por uma gama de atividades e excitações que provêm desde a infância que permitem o prazer. Entretanto, os autores Gesser, Nuernberg e Toneli (2013) evidenciam que a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual é pouco explorada, visto que grande parte dos modelos teóricos não consideram essas especificidades.

Considerando estas visões acerca da sexualidade, as práticas psicológicas pertinentes a atender esse tecido social específico abrangem a ocupação de um campo desafiador e delicado ao acolhimento e compreensão dos signos impostos no processo grupal. Contribuem também para o desenvolvimento da criança na iminência de sua adolescência além de favorecer a ampliação de consciência dos núcleos familiares, escolares e demais núcleos existentes.

Este artigo se fundamenta nos múltiplos papéis de atuação da Psicologia Social neste tecido social, considerando questões sociais, históricas, políticas e ideológicas enraizadas na cultura. Mostra-se ainda como um importante desafio no manejo psicossocial neste campo, necessitando o aprofundamento do tema para ampliação do acervo acadêmico proporcionando a profissionais, estudantes e interessados na área oportunidade de reflexão crítica sobre as questões aqui abordadas.

O objetivo deste trabalho foi descrever as contribuições acerca da intervenção psicossocial realizada com grupos de familiares de pessoas com deficiências múltiplas. A fim de compreender os aspectos da sexualidade, e através de um ambiente acolhedor contribuir para ampliação os recursos psicológicos e sociais dos mesmos.

Método

Trata-se de uma intervenção psicossocial a partir de uma análise qualitativa que conforme González Rey (2002) dispõe-se de “produção de conhecimento em psicologia

que permita a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana” (2002, p. 38).

Participantes

Participaram deste trabalho 18 familiares: 14 do gênero feminino e 4 do gênero masculino, com idade entre 28 e 60 anos. São os responsáveis legais dos alunos cujas idades são de 6 a 15 anos, com as seguintes deficiências: 14 alunos com deficiências intelectuais leves –5 tem autismo leve, e os outros 9 com dificuldades de aprendizagem; 1 com deficiência física; e, 3 com deficiências intelectuais moderadas. Os participantes residem nas proximidades da instituição e vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica. São atendidos pelos profissionais da instituição em diversas áreas.

O sistema de Atendimento Educacional Especializado (AEE) pertence ao núcleo escolar da instituição, estabelece uma forma de atendimento acolhedora, acompanha os familiares abordando questões relacionadas à condução da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos em grupos que acontecem semanalmente.

Local

O estudo foi realizado em uma sala destinada ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) em uma associação que presta serviços a pessoas com deficiências múltiplas de Goiânia. É uma instituição filantrópica sem fins lucrativos destinada a prestação de serviços em saúde na área curativa, preventiva, educativa e formativa. São eles: assistência social; fisioterapia; fonoaudiologia; psicologia; nutrição; educação física; psiquiatria; musicoterapia; pedagogia; enfermagem e terapia ocupacional.

A instituição foi fundada em 1987, os atendimentos clínicos especializados são realizados de forma particular e em convênio à





Prefeitura de Goiânia, Secretaria de Cidadania do Estado de Goiás, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Assistência Social e Sistema Único de Saúde. Os horários de atendimento são 08:00 às 18:00hs de segunda a sexta-feira (Instituição, 2019).

Instrumentos e materiais

A coleta de dados foi feita inicialmente através de observação participante duas vezes por semana e da realização dos registros nos diários de campo, sempre após o término de cada ida ao campo. A partir das observações foi elaborado um projeto de intervenção à instituição com diferentes estratégias metodológicas para trabalhar a temática escolhida. No desenvolvimento do projeto de intervenção foram aplicadas oficinas terapêuticas intituladas: o semáforo, composição de música e carta. Para Afonso (2000) o método de oficinas não diz respeito a exercer controle ou influência sobre o grupo, mas é um meio interativo e interventivo para obtenção de elementos para análise psicossocial.

Além das oficinas terapêuticas, foi realizado ainda uma palestra psicoeducativa, com intuito de informar e discutir sobre sexualidade. Utilizou-se para a coleta destes dados: 18 termos de consentimento livre esclarecido – TCLE, 1 caderno, 1 agenda, 10 canetas azuis, 15 cadeiras, um pendrive, um notebook, 30 folhas A4, apresentação Power Point, 1 smartphone, 3 folhas de eva nas cores

vermelha, verde e amarelo. Para os recursos humanos: familiares, psicóloga supervisora e estagiário de Psicologia.

Procedimentos para coleta de dados

Para a intervenção psicossocial foram observadas questões éticas apontados por Afonso (2010) tais como a importância no manejo com a demanda apresentada, o levantamento de dados com a instituição para a realização do trabalho, o foco para administrar os temas emergidos a partir dos temas centrais e, por fim, a análise dos recursos humanos e materiais disponíveis para a construção do processo psicossocial.

Os procedimentos para coleta de dados aconteceram a partir da existência dos grupos de familiares já atendidos pelo Atendimento Educacional Especializado. Posto isto, foi apresentado um projeto de intervenção à instituição, executado em 4 etapas e realizado uma vez por semana com os grupos citados acima.

Foram escolhidas oficinas terapêuticas pois são instrumentos que favorecem a participação ativa dos sujeitos no processo, abrindo um espaço para a discussão e para desenvolver melhor a compreensão dos familiares sobre sexualidade. O projeto de intervenção foi estruturado em 4 etapas, com atividades diferenciadas conforme será detalhado na tabela abaixo:

Tabela 1. Cronograma para procedimento de coleta de dados

<i>Data</i>	<i>Conteúdo Ministrado</i>	<i>Local</i>
1º encontro	Apresentação do projeto; programa de atividades; assinatura do TCLE e Oficina SEMÁFORO.	Sala AEE
2º encontro	Palestra: Conceitos gerais sobre Sexualidade; Sexo biológico; Orientação sexual; mudanças comportamentais e corporais na adolescência; 4 mitos sobre Deficiências Múltiplas em relação a sexualidade (Apresentação slides).	Sala AEE



3º encontro	Aquecimento; Oficina Composição: criar uma música utilizando as palavras: Sexo; amor; cuidado; filho e especial; Roda de conversa	Sala AEE
4º encontro	Aquecimento; Oficina Carta; Roda de conversa; Avaliação e feedback do processo; Encerramento.	Sala AEE

No primeiro encontro foi realizada a primeira oficina denominada “O Semáforo”, que consistiu em identificar temas de maior interesse sobre sexualidade e permitiu o primeiro contato com a temática sob uma nova abordagem –a de oficina. Em 14 folhas de papel cada participante dobrou em 3 partes, e em cada tira de papel foi solicitado aos participantes que escrevessem uma palavra que correspondia a um tema de interesse próprio sobre sexualidade. Foram colocados na mesa em 3 círculos -verde, amarelo e vermelho-, e em seguida cada participante distribuiu suas fichas pelos círculos de acordo com o grau de dificuldade. O sinal vermelho representava muita dificuldade sobre o assunto, o amarelo dificuldade média e o verde pouca dificuldade. Foi pedido aos participantes que passassem pelos círculos e lessem os temas escolhidos.

No segundo encontro foi feita uma palestra psicoeducativa abordando conteúdos que emergiram no primeiro encontro sobre conceitos gerais de sexualidade. Foi selecionado esse método a fim de orientar e habilitar os familiares para poderem assimilar conceitos comuns como: sexo biológico e orientação sexual; sexualidade na adolescência; e 4 mitos sobre deficiências múltiplas em relação a sexualidade. Os mitos se tratam das seguintes ideias: pessoas com deficiência são assexuadas, não tem sentimentos pensamentos e necessidades sexuais; pessoas com deficiência são hipersexualizadas e seus desejos são incontroláveis; pessoas com deficiências são poucos atraentes, indesejáveis e incapazes de conquistar um parceiro e manter um vínculo estável de relacionamento amoroso e sexual; e, por fim, pessoas com deficiência não conseguem usufruir o sexo “normal”.

No terceiro encontro foi realizado a oficina terapêutica “Composição”, que foi construída visando promover o contato com a sexualidade de forma mais lúdica. Sendo solicitado que formassem dois grupos de 5 pessoas e pedido aos participantes que criassem uma música utilizando as seguintes palavras: Sexo; amor; Cuidado; Filho; especial; ASCEP. Foram orientados que poderia ser utilizado um ritmo como por exemplo funk, sertanejo, axé e infantil. Após a criação apresentaram para o outro grupo e os demais da sala, e em seguida foi solicitado a falarem sobre como se sentiram ao realizar a atividade.

No quarto encontro foi realizado a oficina “Carta”, e em seguida o encerramento. Esta oficina foi estabelecida por ser uma forma de avaliação qualitativa, que possibilitou fazer uma análise e feedback do processo. No início foi feito um aquecimento sendo solicitado aos familiares para andarem em diferentes formas ao som de uma música: na ponta dos pés; apoiando um copo no calcanhar; na chuva; em uma superfície quente; passando por uma porta estreita; em câmera lenta e em marcha ré, sem que encostasse em outra pessoa.

Posteriormente foi entregue uma folha e solicitado para que escrevessem uma carta acerca de sua visão sobre como vivenciaram os encontros, avaliando como o processo contribuiu para suas vivências. Foi aberto espaço para que pudessem compartilhar lendo ou falando, favorecendo reflexões sobre como percebem as questões trazidas e como essa experiência poderia ser levada ao diálogo com os filhos.

Resultados e Discussão





Considerando as intervenções psicossociais realizadas, os resultados extraídos dos dados foram sistematizados e divididos em 4 temáticas de acordo com os objetivos dos encontros e do presente estudo, os quais serão apresentados a seguir. Pretendendo relacionar o levantamento teórico aos conteúdos apanhados durante as intervenções, serão apresentados alguns dos relatos extraídos dos encontros. Com o intuito de preservar a identidade dos participantes, serão identificados por Mãe 1, Mãe 2, Pai 1, Pai 2, e assim por diante. É importante ressaltar que a discussão destes resultados não tem o objetivo de avaliar comparativamente os grupos estudados, e sim trazer para a reflexão os aspectos mais relevantes sobre a sexualidade que emergiram a partir do olhar destes familiares.

Neste sentido, refletir sobre uma atividade é pensar em suas influências, ter a consciência de si e dos sujeitos envolvidos, pensar nos sentidos empregados às palavras e contrapô-las frente as consequências geradas pelo ambiente social. Concomitantemente a esta reflexão, a consciência do indivíduo é desenvolvida como inseparável de si e do social (Lane, S. 1989). Com base nisto nota-se a relevância das influências do ambiente social para a construção da subjetividade dos seres humanos.

Surgimento dos temas geradores

Ao longo do primeiro semestre, foi possível estabelecer uma relação afetiva e de confiança a partir de uma postura empática e acolhedora. A oficina “O semáforo” levantou os principais temas geradores para os familiares e ajudou a compreender como eram as percepções sobre sexualidade, para então trabalhar com base nos dados trazidos pelos grupos. Notou-se que alguns participantes conseguiam falar mais tranquilamente sobre sexualidade enquanto outros demonstravam estar inquietos, visivelmente desconfortáveis em seus comportamentos.

De acordo com Afonso e Abade (2008) e Afonso (2010), cada encontro é guiado por um tema gerador, no qual o método de intervenção psicossocial consiste em dinâmicas de grupo que se configuram em três momentos: aquecimento, desenvolvimento das atividades e a síntese final avaliativa do trabalho grupal.

Para melhor visualização, a tabela 1 demonstra as respostas coletadas na oficina o semáforo, feito a categorização em termos de cunho interpretativo. Ao total foram obtidas 34 respostas dos dois grupos, nas quais 10 apresentaram que as principais questões estavam relacionadas com o desejo sexual conforme a tabela abaixo:

Tabela 2. Respostas dos participantes na oficina terapêutica “O Semáforo”

Conteúdos	Dificuldades	Facilidades
Desejo sexual	7	3
Contato corporal	2	2
Mudanças corporais	3	1
Masturbação	3	1
Lidar com a frustração	2	-
Abuso sexual	2	-



Outros temas	8	Convivência Familiar; Sexualidade acontecerá normalmente; Visão do filho como um Bebê; observar e lidar com esta fase; como ter as todas as repostas; Prevenção; Ansiedade.
--------------	---	---

A partir do desejo sexual como a principal dificuldade apresentada nos grupos, percebeu-se que esse aspecto corrobora com a ausência de contato e concepções distorcidas sobre a temática. Gesser e Nuernberg (2013) entendem que estas dificuldades estão mais relacionadas às questões sociais e impasses comportamentais do que a questões biológicas relacionadas a deficiência. Neste sentido, Maia e Ribeiro (2010) compreendem que para além de questões sociais e comportamentais estão ainda dificuldades psicológicas no que diz respeito a autoestima, timidez, pouca habilidade social, crenças, e socialização restritiva.

A sexualidade de pessoas com deficiências enquanto tema

Partindo dos temas geradores, foi possível inseri-los no segundo encontro em uma intervenção psicoeducativa. Esta atividade teve como intuito esclarecer e ampliar a consciência do grupo, acerca das angústias que emergiram e assim gerar sentidos diversos das possibilidades de argumentação sobre o assunto.

Para Rabelo e Neri (2013) a Psicoeducação é um método que tem como finalidade ser um meio de promoção de autonomia e reflexão sobre condutas, práticas e atitudes. Tem como característica apresentar possibilidades para administração de dificuldades e condições de saúde, amplia o repertório de conhecimentos, e, por fim, estimula, motiva e transforma comportamentos. As autoras ainda compreendem que em todo grupo existe um aspecto psicoterapêutico e pedagógico e que os objetivos desses aspectos estão inteiramente relacionados aos objetivos do grupo.

Os participantes quando questionados conseguiram identificar indícios sobre desejos sexuais dos filhos. Observados a partir do fragmento da Mãe 3:

Mãe 3: “O olho dela brilhava assim, parecendo um fogo de olhar, curiando ao ver a irmã se beijando com o namorado [...]”

Para Maia e Ribeiro (2010) tendo em vista a sexualidade de maneira concreta, livre da condição intelectual, compreendem que ela é um fator intrínseco a todo ser humano. Para os autores o assunto ainda é tratado pela família como polêmico e vinculado ainda a valores morais e culturais, e a tabus. Notou-se que ao decorrer do partilhar de vivências, iam se sentindo mais seguros e confortáveis para contribuir com experiências pessoais e casos que vivenciaram o qual o assunto remetia.

Acerca do contato corporal conforme evidenciado por Lacerda (2014), entender as práticas do contato corporal é entender sobre seus sentidos, e tocar no corpo em qualquer uma de suas partes, é imprescindível para a comunicação com o mundo e consigo mesmo. Como evidenciado através do relato da Mãe 3:

Mãe 3: “Começou a pegar aquele macarrão de natação colocava assim no meio das pernas e ficava apertando, hora que eu ia ver o olho da menina tava até brilhando[...]”

Nesta reunião, buscou-se estabelecer uma discussão a respeito de definições gerais sobre o sexo biológico, a concepção de gênero e orientação sexual. Apresentado de forma mais ampla em uma linguagem adaptada, no sentido de que não se limita apenas aos órgãos genitais ou ao ato sexual em si, mas como um conjunto de sentimentos, comportamentos, atitudes e percepções sobre a afetividade, valores, gênero, emoções e marcas políticas e sociais.



Foram apresentados também conceitos gerais sobre a adolescência como etapa do desenvolvimento, quais as situações esperadas em relação as mudanças físicas e comportamentais, a respeito do contato e conhecimento do próprio corpo, manipulação dos órgãos genitais e a iniciação do desejo por outras pessoas. Tendo em vista as questões históricas e sociais do grupo para entender os aspectos que contemplam a sexualidade, devem ser considerados fatores dicotômicos como o tecido social, as condições concretas, psicológicas e sociais destes sujeitos. Como pode ser evidenciado no questionamento a seguir da Mãe 4:

Mãe 4: “O que fazer quando minha filha menstruar? Quando meu filho achar que tá na hora de fazer a primeira relação sexual, o que devo fazer? Levar no puteiro, arrumar uma namorada, ou ter que pagar uma garota de programa?”

Assim foi possível perceber a influência de outros sujeitos e da sociedade no que diz respeito sobre qual a postura da família deve ter frente as questões relacionadas a sexualidade do sujeito com deficiência. Sobre esta perspectiva, Bonfim (2012) traz contribuições em sua obra *Desnudando a Educação Sexual* acerca de sua visão sobre a sexualidade, a importância de falar sobre o assunto com o intuito de prevenir, discutir e conscientizar através da transmissão de conhecimentos de forma crítica, de maneira a superação da visão tradicionalista que as famílias têm sobre o tema.

Segundo a autora, a educação sexual envolve não só a concepção biológica, mas também psicológica, histórica, afetiva e ética. Aponta que a pessoa com deficiência intelectual não pode ser restrita a relações sociais, tendo em vista que quanto maior a interação social, esta terá mais possibilidades de compreender sobre sua sexualidade e consequentemente maior aparato para defender-se contra possíveis abusos. Assim, França-Ribeiro (2012) considera a educação

sexual inclusiva como componente do processo de desenvolvimento sexual de pessoas com deficiência intelectual, respeitando suas distinções e fazendo cumprir os princípios de direitos humanos.

Dentro deste cenário, o atendimento educacional especializado tem caráter muito importante para agregar elementos para superação de múltiplas dificuldades. É uma categoria de ensino que contempla todas as etapas e níveis de atendimento educacional especializado, dispondo de recursos pedagógicos e serviços de acessibilidade orientando a atuação de profissionais da instituição no processo de aprendizagem em turmas regulares de ensino, a fim de eliminar barreiras para maior participação dos alunos levando em conta suas particularidades (Brasil, 2008).

No decorrer das discussões sobre gênero, um pai relatou sobre uma vivência pessoal no qual o entendimento de Louro (2003) compreende que tanto a dinâmica sexual quanto a de gênero não devem ser analisadas por suas inter-relações, contudo devem ser discutidas a partir de construções, não sendo estáticas ou determinadas e estão sempre em movimento, como evidencia-se no relato a seguir:

Pai 1: [...] eu conheço um caso de uma menina que viveu a vida inteira mocinha, batom aí chegou num ponto que ela foi pra escola um dia e aí voltou, passou no salão, cortou cabelo igual o meu, rapou passou máquina 1 e chegou em casa a mãe dela queria matar ela, ela pegou e falou: - mãe cê não conformou ainda não? [...] eu a conheci desde criança, e aí assim, cê num conformou ainda não? Ela falou assim: eu nasci num corpo trocado”

Com base neste relato, foi possível compreender que a identidade de gênero é uma identificação a partir de uma construção histórica e social do feminino ou masculino sendo estas construções passíveis de transformações. Além disto, Miguel e Birioli



(2014) compreendem que as questões de gênero não são se limitam às mulheres, visto que são relações atravessadas no contexto histórico da sociedade, e são estruturas fundamentais para a constituição das vivências sociais.

Entrando em contato com a sexualidade

Visando que os grupos pudessem se produzir como tal, no terceiro encontro foi realizada a oficina terapêutica “Composição”. Buscou-se evidenciar as nuances afetivas durante o processo de intervenção, a fim de se colocarem com um papel ativo no processo e poderem entrar em contato com a sexualidade através de atividades lúdicas.

As oficinas terapêuticas tiveram como objetivo analisar qualitativamente a influência das intervenções nos grupos, no intuito de refletirem e verbalizarem quais as transformações em suas percepções e comportamentos. Foram utilizadas estas abordagens pois de acordo com Gonzalez Rey (2002) são formas de produção de conhecimento de cunho construtivo-interpretativo.

Com o intuito de promover o desenvolvimento dos recursos psicológicos e geração de subjetividade social destes sujeitos, a atividade proporcionou aos participantes um ambiente acolhedor propício para o compartilhamento de vivências e de aperfeiçoamento de habilidades em relação a sexualidade. Segundo Afonso (2010) este tipo de abordagem possibilita a ampliação de conhecimentos sobre um assunto ou doença, o fortalecimento dos recursos pessoais e sociais para enfrentamento e promove o protagonismo social frente às questões abordadas. Houve empenho para realização desta atividade e os participantes demonstraram entusiasmo na execução da tarefa.

Percebeu-se que este contato favoreceu a emergência de angústias dos participantes, como mostra o trecho da música composta por um dos grupos:

“[...] quando penso em meu filho, logo veio a preocupação, como será a vida, não sei como será sexo com alguém, e eu sofro muito sofro, sofro muito sofro”.

Neste aspecto, essas evidências se confirmam como mostram os estudos de Coll, Marchesi e Palacios (2004) que trazem a compreensão de que para as mães sempre haverá um questionamento sobre a autonomia e maturidade do filho com deficiência intelectual além de que os cuidados com os filhos perduram também durante a vida adulta. Glat (2005) em suas pesquisas com pais de jovens com deficiência intelectual, identificou essas dificuldades em falar sobre sexualidade e que os responsáveis percebem mais as expressões sexuais inadequadas ao invés dos aspectos libidinais e de prazer.

Após a oficina foi aberto espaço para que os participantes falassem suas percepções sobre a atividade, conforme podem ser observados nos relatos abaixo:

Mãe 5: “ Parece uma palavra tão polêmica, que você não consegue encaixar ela”

Pai 2: “Difícil dar sentido as palavras[...]e colocar numa mesma frase com sexo”

Nota-se nestes relatos que os familiares demonstraram ainda dificuldades ao entrar em contato com a sexualidade. Amaral (2004) em um estudo com orientação de familiares atenta que essa evitação pode gerar condições sociais desfavoráveis e desajustes psicológicos, tanto para a pessoa com deficiência quanto para qualquer outro. Entretanto este espaço facilitou a participação ativa dos familiares na construção do processo psicoterapêutico.

Em outro depoimento, um pai ressaltou a importância de se incluir o tema nos afazeres diários, pois por muitos responsáveis é colocado de lado até que um comportamento apareça. Como aconteceu na oficina da Composição, a dificuldade de inserir a palavra sexo na letra da música pode ser comparada a



dificuldade nas atividades diárias em inserir o tema.

Andery (1989) entende que intervenções sócio-comunitárias servem para tornar os núcleos sociais como a família, escola, e outros mais saudáveis e para minimizar o sofrimento psicológico individual. Têm ainda seus objetivos voltados para prevenção e melhora da competência social e reabilitação de desordens emocionais. Para o autor a presença da Psicologia neste tecido social visa dispor seus recursos a favor do processo de libertação. Constatou-se também o êxito da intervenção como apresentado no relato de uma mãe:

Mãe 1: “foi muito bom pois houve a participação de todos, em seu jeito, tem aquela adrenalina por mais que fosse uma atividade lúdica, tinha que ser concretizada usando elementos de um tema importante e que faz parte da vida de todos.

Esses relatos concebem a ampliação dos recursos psicológicos para atuar com questões relacionadas aos temas da sexualidade, e a situações inesperadas que demandem atuação do familiar em relação ao jovem com deficiência. Os familiares conseguiram perceber a importância das pessoas que compõem todo o percurso da aprendizagem das crianças, desde os professores como a direção da instituição, as pessoas que fazem o trabalho administrativo, os profissionais da equipe multidisciplinar, as faxineiras, as cozinheiras, as cuidadoras entre outros.

Emergiu novamente no terceiro encontro a dificuldade de um pai em lidar com as mudanças corporais da filha, que relatou não saber como conversar com ela o sobre mudanças corporais. Nota-se aqui que uma discussão identificada no primeiro encontro reaparece.

Neste aspecto, a atuação da Psicologia favoreceu um espaço de reflexão, que pode abranger os familiares em lidar com problemas sem demonizar a sexualidade assim como

valorizar as relações interpessoais entre a pessoa com deficiência, a família e a instituição. Diante desta necessidade, Giulio (2003) enfatiza como necessário para os cuidadores responsáveis a aquisição de conhecimentos e habilidades para proporcionar uma educação sexual correspondente a pessoa com deficiência intelectual.

Observou-se que os familiares ao entrarem em contato com a sexualidade, entraram em contato com as próprias questões e perceberam suas próprias limitações sejam relacionadas a sexualidade como em outros contextos, conforme os relatos a seguir:

Pai 1: “[...] Ele fez dez anos agora, e a gente manteve as rodinhas das bicicleta sempre, nunca pensou em tirar, daí a gente foi numa festa, ele achou uma bicicleta de um menino, sem rodinha montou e saiu andando normal, ou seja, quem limitava ele era nós, não ele”.

Mãe 3: “Eles são muito inteligentes, as vezes o medo da gente limita um pouco a inteligência deles.

Estudos realizados por Assumpção Jr. e Sprovieri (2005), apontam que os familiares tendem a limitar o contato da pessoa com deficiência devido a sua condição intelectual ou física, mantendo esses sujeitos em condições de dependência de suas funções. Essas restrições ocorrem devido a aspectos como insegurança e superproteção dos pais e familiares.

Aspectos grupais

No último encontro foi pedido aos participantes que escrevessem em uma folha de papel uma carta sobre como foram as vivências ao longo do processo. Os mesmos deveriam relatar como se sentiram, quais as percepções e influências do processo em relação a si mesmo e na relação com os filhos, como avaliaram as dificuldades após o processo e, ainda, acerca da metodologia





utilizada. Esta oficina teve como objetivo analisar qualitativamente a influência das intervenções nos grupos, no intuito de refletirem e verbalizarem quais as transformações em suas percepções e comportamentos.

Os familiares compartilharam sentimentos como felicidade, medo, pânico - pelo fato de seus filhos serem especiais. Perceberam as seguintes influências das intervenções: passaram a observar de forma mais atenta os comportamentos sexuais dos filhos e de outras pessoas; houve a ampliação da compreensão sobre a sexualidade se comparado ao início do processo; e apresentaram trocas de experiências e possíveis alternativas de sanar dúvidas. Segue exemplo de verbalização:

Mãe 1: “Qual será a reação da minha filha quando quiser fazer sexo?”

Uma outra participante respondeu:

Mãe 2: “Fica inquieta, olho brilha, vai observando, chora”

Constata-se a tomada de consciência através do compartilhar de informações. Para Arendt (1997) em vista da concepção de partilhar sentimentos em grupo, estas contribuições permitem absorver a tomada de consciência grupal dentro de suas particularidades possibilitando ao grupo uma auto-gestão. Evidencia-se que as questões trazidas durante o processo interventivo são partilhadas por esta coletividade.

Para o engajamento da família de uma pessoa com deficiência, o compartilhamento de sentimentos e experiências em grupos de intervenções terapêuticas auxilia possibilitando formas de enfrentamento e adaptação à realidade, tanto com o depoimento de si quanto ao ouvir as experiências dos demais. Esse ambiente propicia acolhimento ao sofrimento a fim de gerar melhor qualidade de vida.

De acordo com Afonso (2000) a revalorização do diálogo, o conhecimento de si e a ampliação do sentir, pensar e agir são efeitos destas experiências compartilhadas, tais

como sentimentos, vivências e percepções acerca da sexualidade humana. Nota-se a tomada de consciência através dos relatos a seguir:

Mãe 4: “A ficha de muita coisa caiu aqui”

Mãe 5: “A felicidade faz parte do sexo”

As experiências compartilhadas contribuíram para o crescimento pessoal dos familiares. Expressaram que esta rede de apoio - o grupo, as professoras, a coordenação e todo os outros membros da instituição- são importantes para que consigam lidar com as questões da sexualidade. Sawaia e Guareschi (2001) tem em si que a relação é o principal fator que sustenta a compreensão de grupo.

São as relações que moldam e que permitem a existência do grupo, de forma que só existem transformações grupais se houverem transformações nas relações entre esses sujeitos possibilitadas pela identificação das experiências pessoais. Deste modo, os grupos de familiares incluem-se na educação especial ampliando seus conhecimentos e potenciais psicológicos.

Considerando que a noção de sujeitos históricos para Lane (1989) “a história de cada sujeito se presentifica pelas formas concretas através das quais ele age, se coloca, se posiciona, se aliena se perde ou se recupera ao longo do processo” (p. 85). Conforme ilustra o diálogo a seguir:

Mãe 2: - Isso é intimidade. [ao solicitar ler ou falar sobre a carta]

Mãe 1: - Sério? Eu acharia bom a gente ler!

Pai 1: - Aí vai ver o sentimento.

Mãe 1 (em resposta ao pai 1): Mas o nosso grupo é pra isso, pra a gente aliviar né, a tensão.

Estas oficinas favoreceram um espaço para fortalecimento enquanto sujeitos, a partir da troca de vivências e a reflexão sobre atividades que possam continuar realizando a fim de terem uma participação ativa no processo. Rabelo e Neri (2013) acreditam que fortalecer é compreender as razões para



mudança do grupo, favorecendo que compartilhem sugestões, explorem suas percepções e motivações para mudança.

Neste encontro demonstraram sobre o desejo de que houvesse um grupo online em um aplicativo de mensagens só dos responsáveis, sem ser o que é administrado pela instituição. Aqui nota-se o atravessamento da instituição na possibilidade de interação dos grupos, visto que o aplicativo de mensagens é administrado somente para envio de mensagens para avisos. Houve o relato de uma mãe recém-chegada de questões sobre si mesma como o tratamento para depressão que estava vivenciando, em sua fala a mesma se emocionou e foi acolhida pelo grupo que enfatizou sobre o cuidado em ter consigo mesmo para poder cuidar do outro. Para Carvalho (2009) o acolhimento adequado do grupo promove integração quanto aos objetivos, possibilita adesão a tratamentos além de favorecer a frequência e participação nas atividades.

Em síntese, a atuação da Psicologia em caráter emergente e efetiva pode promover transformações em dimensões psicossociais, e quando executadas com criatividade podem gerar melhorias na qualidade dos processos educativos (Martinez, 2009). Sobre perspectiva, destaca-se sua importância em relação ao desenvolvimento de políticas públicas na instituição, de forma que possam ser analisadas criticamente antes de serem implementadas.

Considerações Finais

Os participantes compreenderam os encontros como parte de um processo no qual adquiriram novos conhecimentos a cada etapa, considerando que as oficinas contribuíram para quebrar o gelo e possibilitaram que os mesmos falassem com mais tranquilidade e tirassem dúvidas. Em função da sexualidade ser um tema complexo e ainda ser relacionado a muitos tabus, frente as condições cognitivas e físicas de pessoas com múltiplas deficiências.

As intervenções grupais tornaram-se um desafio para mim frente a demanda dos grupos, que me permitiram uma familiaridade maior do que o esperado, ampliando meu olhar como pesquisador e profissional da psicologia social. Foi possível perceber que para que ocorra o desdobramento do processo com grupos, a relação com os participantes e a participação do pesquisador influencia no desenvolvimento de ambas as esferas.

Se comparado ao início dos encontros o tema era compreendido como limitado aos órgãos genitais e ao ato sexual em si. Os familiares avaliaram positivamente o processo e notaram as transformações acerca da compreensão sobre sexualidade e no manejo em relação a temática. Entretanto, no âmbito pessoal esse tema ainda interfere muito na autoestima destes sujeitos, visto que se dedicam ao cuidado das crianças e adolescentes com deficiência a ponto de colocarem de lado suas particularidades, desejos e anseios.

A Psicologia contribuiu problematizando e colaborando na formação continuada dos familiares, prestando auxílio no manejo do sofrimento e favorecendo a ampliação de recursos para lidar com esta perspectiva. Segundo Andery (1989) a ação da Psicologia se constitui em dispor os recursos psicológicos favorecendo o processo de libertação, concebendo a indivíduos e grupos a visão de mundo e autopercepção reconsiderando seus hábitos, valores e condutas individuais e coletivas, afim de gerar conscientização ao tecido social.

Foi possível evidenciar a importância de um ambiente que promova acolhimento ao sofrimento do grupo, escuta e reflexão sobre a sexualidade de pessoas com deficiências múltiplas, entre outros campos de suas vidas. É necessário considerar suas particularidades, desejos e anseios que se mostram tão evidentes no percurso desta jornada, bem como os aspectos biopsicossociais destes sujeitos. A Psicologia Social detém o compromisso social de promover mudanças nas relações com





outros sujeitos e com o mundo, considerando as influências sociais e psicológicas que ocorrem nestas relações. Por fim, faz-se necessário o desenvolvimento de mais pesquisas sobre esta relação para ampliação do acervo acadêmico.

Referências

- Adorno, T.; Horkheimer, M. (1973). *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix.
- Afonso, M. L. (Org.). (2010). *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Afonso, M. L. M. & Abade, F. L. (2008). Para reinventar as rodas. Belo Horizonte: Rede de cidadania Mateus Afonso Medeiros-Reclimam. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9243390-Para-reinventar-as-rodas-maria-lucia-m-afonso-flavia-lemos-abade-rede-de-cidadania-mateus-afonso-medeiros-recimam.html>. Acesso em: 25 de maio de 2019.
- Afonso, M. L. M (2010). *Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Amaral, M. C. (2004). *Sexualidade e deficiência mental: impacto em um programa de orientação para famílias* (Dissertação de Mestrado). São Paulo, São Carlos: UFSCar. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3087/DissMCA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29/10/2019.
- Andery, A. A. (1989). *A práxis do Psicólogo*. Em: *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Arendt, R. J. J. (1997). *Psicologia Comunitária: teoria e metodologia*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1), 7-16.
- Assumpção Jr., F. B., & Sprovieri, M. H. S. (2005). *Deficiência mental: Sexualidade e família*. Barueri: Manole.
- Bock, A. M. B. (2004). *A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão*. *Cad. Cedes, Campinas*, 24, (62), 26-43.
- Bonfim, C. (2012). *Desnudando a Educação Sexual*. 1ª ed. Campinas: Papyrus.
- Brasil. Ministério da Educação. Decreto nº 6.571, de 18 de setembro de 2008. Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na educação básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192 Acesso em: 25 de maio de 2019.
- Carvalho, N.C. (2009). *Dinâmica para idosos*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Coll, C.; Marchesi, A.; Palacios, J. (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. 2. ed. v.3. Porto Alegre: Artmed.
- Chauí, M. (1985). *Participando do debate sobre mulher e violência*. Em: *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Denari, F. E. (2002). *Sexualidade & deficiência mental: reflexões sobre conceitos*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 8, 9-14.
- Foucault, M. (1997). *História da sexualidade: a vontade de saber*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal.
- França-Ribeiro, H. C. (2012). *A sexualidade e pessoas com deficiência intelectual: dos mitos às reflexões*. In *Secretaria Municipal de Educação de São Paulo*





- (Org.), Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem na área da Deficiência Intelectual do Ciclo II do Ensino Fundamental 88 Maia Psicologia em Estudo, Maringá, v. 21, n.1 p. 77-88, jan./mar. 2016 da Educação de Jovens e Adultos. (pp.34-47). São Paulo: Secretaria Municipal de Educação.
- Freire, P. (1990). *Criando Métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação*. In: Brandão, C. R. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Gesser, M.; Nuernberg, A. H.; Toneli, M. J. F. (2013). *Constituindo-se sujeito na intersecção gênero e deficiência: relato de pesquisa*. Psicologia em Estudo. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2871/287130095004.pdf>. Acesso em: 25 de setembro de 2019.
- Giami, A. (2004). *O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental, instituição* (L. Macedo, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Giulio, G. D. (2003). *Sexualidade e pessoas vivendo com deficiências físicas ou de desenvolvimento: uma revisão assuntos chave*. Canadá: O Canadian Journal of Human Sexualidade, 12 (1), 53-68.
- Glat, R. (2005). *Desenvolvimento psicossocial e sexualidade de jovens portadores de deficiências*. Em M. E. Castilla, A. Frequest, & M. A. Grzona, (Ed.). *Educação Especial* vol. 3 Outras visões (pp. 5-14) Build, desconstruir, reconstruir. Argentina: Escola de Educação Fundamental e Especial da Universidade Nacional de Cuyo.
- Gonzalez Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia - caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson.
- Gonzalez Rey, F. (2004). *O social na Psicologia e a Psicologia Social. A emergência do sujeito*. (p. 38). Petrópolis: Vozes.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Acesso em 07 de novembro, 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf
- Lacerda, A. L. P. (2014). *Gênero e infância: o recreio e práticas corporais (toque) na construção de identidades*. Em: Sexualidade, Corpo e Preconceitos. (Orgs) Freitas, E. M., Martinez, F. J. & Mendes, L. M. G. Goiânia: UFG/CIAR
- Lane, S. T. M.; CODO, W. (1989). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Louro, G. L. (2003). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6 Ed. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Luria A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: Símios homem primitivo e criança* (pp.151-239). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Maia, A. C. B. & Ribeiro, P. R. M. (2009). *Orientação Sexual e Síndrome de Down: esclarecimentos para educadores*. São Paulo: Joarte/Unesp.
- Maia, A. C. B.; Ribeiro, P. R. M. (2010). *Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências*. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, 16 (2), 159-176.
- Maia, A. C. B. (2001). *Reflexões sobre a educação sexual da pessoa com deficiência*. Revista Brasileira de Educação Especial, 7, 35-46.



- MEC. S. E. E. (2006). *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão, dificuldades acentuadas de aprendizagem e deficiência múltipla*. 4. ed. Brasília: Associação de assistência à Criança Deficiente – AACD.
- Miguel, L. F. & Birioli, F. (2014). *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo.
- Mitjáns Martínez, A. (2009). *Psicologia Escolar e Educacional: Compromissos com a educação brasileira*. Em: APBRAPEE. Vol.13. Nº 1. Brasília.
- Naylor, A.; Prescott, P. (2004). *Crianças Invisíveis: A necessidade de suporte Grupos para irmãos de crianças deficientes*. British Journal of Special Education, 31(4), 199-206.
- Paro, C. R.; Machado, M. C. S. P. & Oliveira, M. L. M. (2001). Perfil da família goianiense, In: Sousa, S. M.G. & Rizzini, I. (Orgs) *Desenhos de família - criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais*. Goiânia: Canône.
- Poster, M. (1979). *Teoria crítica da família*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rabelo, D. F. & Neri, A. L. (2013). Intervenções Psicossociais com grupo de idosos. *Revista Kairós Gerontologia*. Pp.43-63. São Paulo
- Sawaia B. (orgs). Guareschi, P. A. (2001). As artimanhas da exclusão análise psicossocial e ética da desigualdade social. Em: *Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização*. 2 Ed. Petrópolis: Vozes.
- Silva, N. L. P; Dessen, M. A. (2001). *Deficiência mental e Família: implicações para o desenvolvimento da criança*. Brasília: Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 17, n. 2, pp. 133-141. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Stoppa, L. M. (2018). A homossexualidade como ferramenta para a autonomia sexual. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. Disponível em: https://sbrash.emnuvens.com.br/revista_sbrash/article/view/75/53. Acesso em: 25 de setembro de 2019.
- Swartz, D. (1981). *Pierre Bourdieu: a transmissão cultural da desigualdade social*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Vygotsky, L.S. (1997). *Obras Escogidas V: fundamentos de defectología*. Madrid: Visor Distribuciones.
- Vygotsky, L. S. & Luria A. R. (1996). *A criança e seu comportamento*. Em Vygotsky, L. S. & Vygotsky, L. S. (2000). *Problemas del desarrollo de la psique*. Em *Obras Escogidas* (tomo III). Madrid: Visor Distribuciones. (original publicado em 1983).
- Vigotski, L. S. (2000). *Obras Escogidas III*. Madri: Editora Visor.